

Os fatores do endividamento

MICHEL CAMDESSUS

PARIS — Lenta a princípio — na tomada de consciência do ritmo excessivo do endividamento internacional durante os anos 70 —, angustiada depois — diante dos primeiros tropeços nos pagamentos entre 1981 e 1982 —, a comunidade financeira internacional suspira, hoje, aliviada. Para muitos, o problema da dívida é coisa do passado.

Esta atitude é, sem dúvida, tão perigosa como as precedentes. Aparentemente, a situação foi controlada. Resta agora consolidar o sistema financeiro internacional e abrir perspectivas de crescimento saudável para os países endividados. Ora, estes dois objetivos não estão inscritos na categoria de consequências naturais das tendências do momento. Pelo contrário, eles implicam mutações.

Para nos convenceremos da validade desta afirmativa, basta repassar o caminho seguido até agora e meditar a respeito das projeções das instituições financeiras internacionais para o final da década: a conclusão é evidente. A não ser que sejam empreendidas algumas reformas básicas, a crise veio para ficar.

No espaço de poucos meses, durante o ano de 1982, o problema da dívida manifestou todo seu alcance. Cem bilhões de dólares de empréstimos com vencimento a curto prazo estavam congelados e quase 40% dos créditos bancários de risco se concentravam em países que apresentavam sérias dificuldades de pagamento; estes ativos comprometidos representavam, para a quase totalidade dos grandes bancos, montantes superiores — às vezes, muito superiores — aos de seus próprios fundos.

Como se chegou a essa situação? Na verdade, a crise veio de longe. Ela se insere no cenário totalmente

novo criado pela primeira crise do petróleo. Os desequilíbrios nos balanços de pagamentos explodiram: excedentes nos países membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep), déficit nos países importadores do produto — ambos igualmente desproporcionados diante da capacidade de absorção imediata das economias em presença. A partir deste momento, o comportamento da maioria dos atores deste jogo financeiro revelou os elementos constitutivos de uma economia de endividamento:

- banqueiros pressionados a adaptar a concessão de empréstimos à hiperliquidez dos mercados, deixando-se tranquilizar muito facilmente por alguns mitos da economia do endividamento, tais como o "guarda-chuva soviético", que protege as economias do Leste, ou a inexistência de risco de naufrágio para os países produtores de petróleo;

- governos credores expostos aos lances do leilão mercantil dos créditos de exportação;

- governos que receberam empréstimos para aplicá-los muitas vezes na execução de projetos mal elaborados e de rentabilidade a longo prazo, ou em despesas improdutivas;

- organismos internacionais rapidamente satisfeitos, ao verem os bancos comerciais movimentarem-se para contribuir para o financiamento de projetos de desenvolvimento desproporcionais aos recursos e créditos disponíveis, muito afastados do objetivo de 0,70% estabelecido pelas Nações Unidas;

- organismos de controle passivos, durante muito tempo, diante desta revogada de créditos.

Nesta relação apresentada, citamos apenas alguns dos principais componentes do jogo.